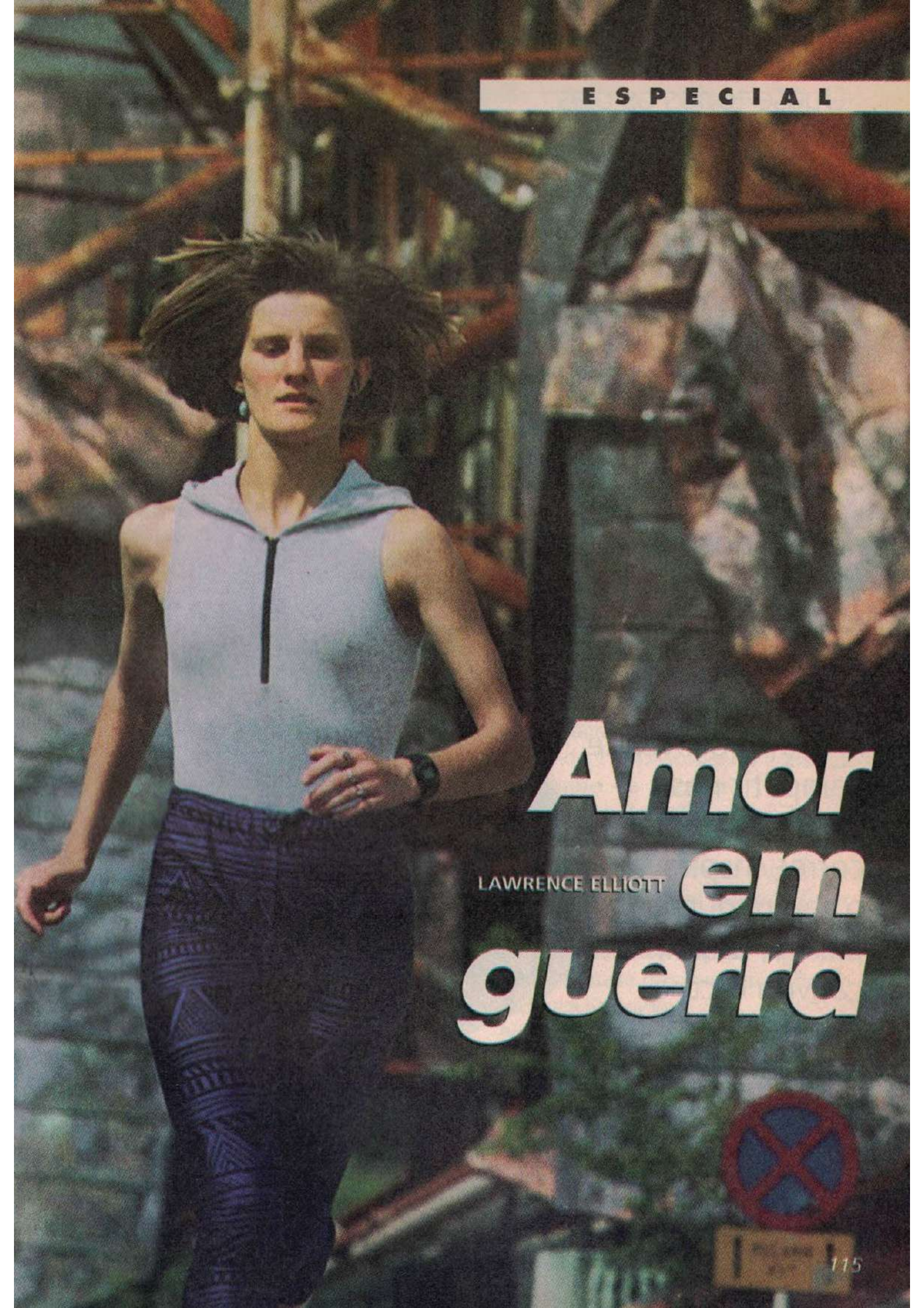


ESPECIAL

A woman with dark hair is running through a war-torn city. She is wearing a light blue sleeveless hoodie and dark blue patterned leggings. The background shows damaged buildings and debris. The text 'Amor em guerra' is overlaid on the right side of the image.

# Amor em guerra

LAWRENCE ELLIOTT



Quase todos os dias, Mirsada Buric saía para as ruas da cidade bombardeada e praticava um ato de coragem ou, talvez, de falta de senso. Ela corria.

Corria por entre tiros, através de bombardeios de morteiros, passando pelos prédios de Sarajevo, marcados de balas e devastados pela guerra. A única proteção contra o tiroteio: sua bravura. A principal fonte de subsistência: o sonho improvável de competir nas Olimpíadas. Ao correr, inspirava o seu pequeno país. E, assim, cativou o coração de um rapaz a meio mundo de distância.

**E**RA UM DOMINGO de verão, em 1992, quando Eric Adam, solteiro, de 34 anos, estava na cozinha de seu pequeno apartamento em Prescott, no Arizona, fazendo o que um homem solteiro faz no fim-de-semana – separando a roupa para lavar e arrumando os jornais.

Ouvia, distraído, o noticiário que vinha da televisão da sala, falando de uma mulher, corredora de meia distância, que estava em treinamento para os Jogos Olímpicos que se aproximavam. Exercitava-se nas ruas de



Sarajevo, a capital da Bósnia-Herzegovina, arrasada pela guerra, e corria todos os dias contornando as crateras abertas pelas granadas, desafiando o fogo dos morteiros e dos atiradores de tocaia. Ele foi até a sala para olhar.

Na tela, apareceu uma jovem graciosa, de *training* lustroso, pernas e braços descobertos, agitando-se numa regularidade vigorosa de movimentos, a cabeça bem erguida, como que numa afronta calculada aos atiradores sérvios que procuravam acertá-la.

O jornalista dizia que aquela mulher estava tentando, com muito esforço, conseguir uma vaga para a bandeira bósnia nas Olimpíadas, a fim de lembrar ao mundo que a Bósnia-Herzegovina, massacrada e cercada, continuava viva. Ela correu em direção à câmera e desapareceu.

Eric ficou ali parado, aturdido.

Ele passara os últimos anos como um sonâmbulo, desalentado pela morte da noiva. A imagem impressionante daquela corredora corajosa despertou-o de sua letargia e desespero. Sentiu-se dominado por um disparo contra a razão e o bom senso, atingindo-o bem em cheio no coração. Viu que precisava conhecer aquela mulher, disposta a arriscar tudo por uma convicção notável.

A corredora era Mirsada Buric, de 22 anos, estudante do quarto ano de Jornalismo na Universidade de Sarajevo, treinando para conquistar uma vaga para a equipe bósnia nas Olimpíadas. Já era corredora experiente, campeã nacional dos 3 mil metros *cross-country* feminino. Fora criada em Bojnik, povoado alguns quilômetros a oeste de Sarajevo, onde sua fa-

mília tinha vivido durante 200 anos. Assim como 40% da população da Bósnia-Herzegovina, Mirsada era muçulmana.

Dos 2 mil habitantes de Bojnik, mais da metade era Muçulmana; os Sérvios eram 700 e os Croatas, 200. Mas durante anos, todos se consideravam compatriotas e viviam em paz. A melhor amiga e companheira de Mirsada nas corridas, desde a escola primária até a universidade, era sérvia, assim como seu treinador.

Durante dez anos, Mirsada venceu, na categoria de sua faixa etária, as corridas anuais de *cross-country* de Sarajevo. Aos 20 anos, passou a ser corredora de nível mundial, uma das melhores da Bósnia-Herzegovina. A essa altura, tinha um objetivo, inspirado pela recordação de ter visto um corredor solitário carregando uma tocha olímpica por Sarajevo, quando aquela cidade foi sede dos Jogos de Inverno de 1984. Começou a alimentar o sonho de competir nos Jogos Olímpicos de Barcelona. Parecia que 1992 seria o seu ano.

Porém, a guerra civil irrompeu no que era a Iugoslávia, e Mirsada foi levada de seu povoado natal para um campo de concentração. Libertada depois de quase duas semanas, foi enviada para Sarajevo.

Não querendo desistir de seu sonho olímpico, Mirsada começou a treinar uma semana depois de chegar à cidade. Como o estádio de corridas de Sarajevo ficava logo abaixo dos morros arborizados, de fácil acesso aos atiradores de tocaia sérvios, ela não tinha outra escolha senão correr

nas ruas – duas vezes por dia, todos os dias.

Em Sarajevo não havia local seguro. Atiradores de tocaia tentavam acertar qualquer pessoa que tivesse a infelicidade de passar ao alcance de suas armas – homens, mulheres e até mesmo crianças. Enquanto Mirsada corria, balas perfuravam árvores e construções de alvenaria por cima de sua cabeça; morteiros e granadas de artilharia impregnavam a cidade com o cheiro de pólvora e faziam o calçamento tremer sob seus pés.

Mas ela continuava a correr.

“É isso que conserva minha sanidade mental”, disse aos jornalistas que a entrevistaram.

## Momento Decisivo

ERIC TINHA PASSADO por muitas experiências em seus 34 anos. Grande parte de sua juventude foi uma luta contra o álcool, que começou quando era adolescente e continuou durante o serviço na Força Aérea e na universidade, onde se formou em Fotografia. Depois da faculdade, os dias em que ficava sóbrio foram se tornando cada vez mais raros.

Por fim, teve de enfrentar a terrível verdade: não ia parar de beber, porque não conseguia. Não sem ajuda. Em dois dias, conseguiu ser admitido no Centro Médico para Veteranos de Prescott, Arizona.

O Programa de Tratamento de Abuso de Substâncias do centro oferecia alimentação saudável, fisioterapia e orientação espiritual. Foi lá que

Eric conheceu Suzi Hollowell, supervisora de dietética. Moça atraente, de olhos brilhantes e cabelos crespos, ela sempre tinha uma palavra amável para Eric, quando se encontravam.

Eles conversavam e eventualmente marcavam encontros. Suzi lhe falou da cidadezinha de Montana em que se criara e da sua válvula cardíaca artificial, implantada cirurgicamente para substituir a válvula deficiente com que nascera. Eles continuaram a sair, e logo se apaixonaram.

Depois que Eric deixou o programa de tratamento, conseguiu emprego como fotógrafo no *Courier*, jornal de Prescott. Suzi e ele começaram a planejar o futuro juntos. Marcaram o casamento para setembro de 1988.

Uma tarde, em agosto, quando voltou ao jornal, Eric encontrou três recados pedindo que ligasse para a unidade de tratamento intensivo do centro médico. Era a Suzi, disseram-lhe. Quando ele chegou lá, soube que a válvula cardíaca havia apresentado defeito. Ela estava morta.

Eric saiu cambaleando pela porta do hospital, dirigiu até sua casa e caiu numa poltrona. Ali, permitiu-se chorar. Dois dias depois, acompanhou o caixão da noiva para a casa da família em Miles City, Montana, para ser enterrada.

Embora tivesse apenas 30 anos, Eric achava que nunca mais lhe aconteceria algo de bom. Ficou dominado pela tristeza e pelo sofrimento, mas não recorreu à bebida.

Desde então, sua vida se tornara uma sucessão de dias cinzentos e noites negras – fazendo o seu trabalho

mecanicamente, indo para casa, comendo, assistindo à televisão, dormindo. E aí, de repente, houve esse abalo, esse despertar da noite de solidão, ao ver aquela corredora tão corajosa.

Eric Adam não anotara o nome da moça. Então, durante uma semana, ele seguiu os noticiários de televisão e pesquisou todos os jornais que chegavam à biblioteca do Departamento de Negócios dos Veteranos, onde trabalhava como especialista de produção audiovisual. Finalmente, encontrou uma foto da corredora em seus treinos pelas ruas de Sarajevo, no *Los Angeles Times*.

Ficou sabendo que seu nome era Mirsada Buric e que se tinha classificado para participar dos Jogos Olímpicos em Barcelona, com nove companheiros de equipe.

Eric correu para casa na hora de almoço e descobriu o número de telefone do alojamento da equipe bósnia na Vila Olímpica de Barcelona. Aí, foi sendo passado de número em número até chegar a alguém que falasse inglês. Por acaso, ou destino, era uma das melhores amigas de Mirsada.

Primeiro, ela corrigiu a pronúncia do nome de Mirsada Buric, que Eric pronunciava errado. Depois, disse-lhe que Mirsada estava na pista de corrida.

Ele pediu, então, o endereço da equipe, que ela deu prontamente. No mesmo instante, Adam sentou-se e escreveu uma carta a uma jovem corajosa, a meio mundo de distância, que nem sabia de sua existência. Depois de várias tentativas, resolveu escrever um bilhete simples, dizendo que a tinha visto na televisão e gostaria que

ela soubesse que “há alguém nos Estados Unidos que a admira”. Acrescentou que se fosse possível ajudá-la de algum modo, entrasse em contato com ele.

Em Barcelona, a história de Mirsada Buric apareceu na televisão e no jornal. Para ela, foi um período agitado. Nesta ocasião, recebeu a carta de Eric. Depois que a amiga lhe traduziu a carta, as duas sacudiram as cabeças, abismadas. *Esses americanos impulsivos*, pensou Mirsada.

Pusera a carta de lado, mas, por acaso, ela estava sempre aparecendo sob sua mão. Por fim, com a ajuda de uma companheira de equipe, resolveu escrever a Eric, agradecendo a carta e anexando uma foto em que aparecia correndo. Terminou a carta com as palavras: “Amor, Mirsada.”

Não pôde mandar um endereço para resposta. Mirsada não possuía endereço. A guerra continuava sem trégua e ela não tinha idéia do local onde teria permissão para morar, de volta à sua terra.

## Legado de Ódio

ERIC SE DEU CONTA de que mal entendia o que estava acontecendo na antiga Iugoslávia. Aos poucos, foi aprendendo sobre a guerra.

A península Balcânica, desespero da Europa durante mil anos, é um emaranhado de culturas e religiões. Hoje, os sérvios ortodoxos, os croatas católicos e os Bósnios muçulmanos falam uma língua eslava semelhante. Em Sarajevo, antes belíssima, seus templos

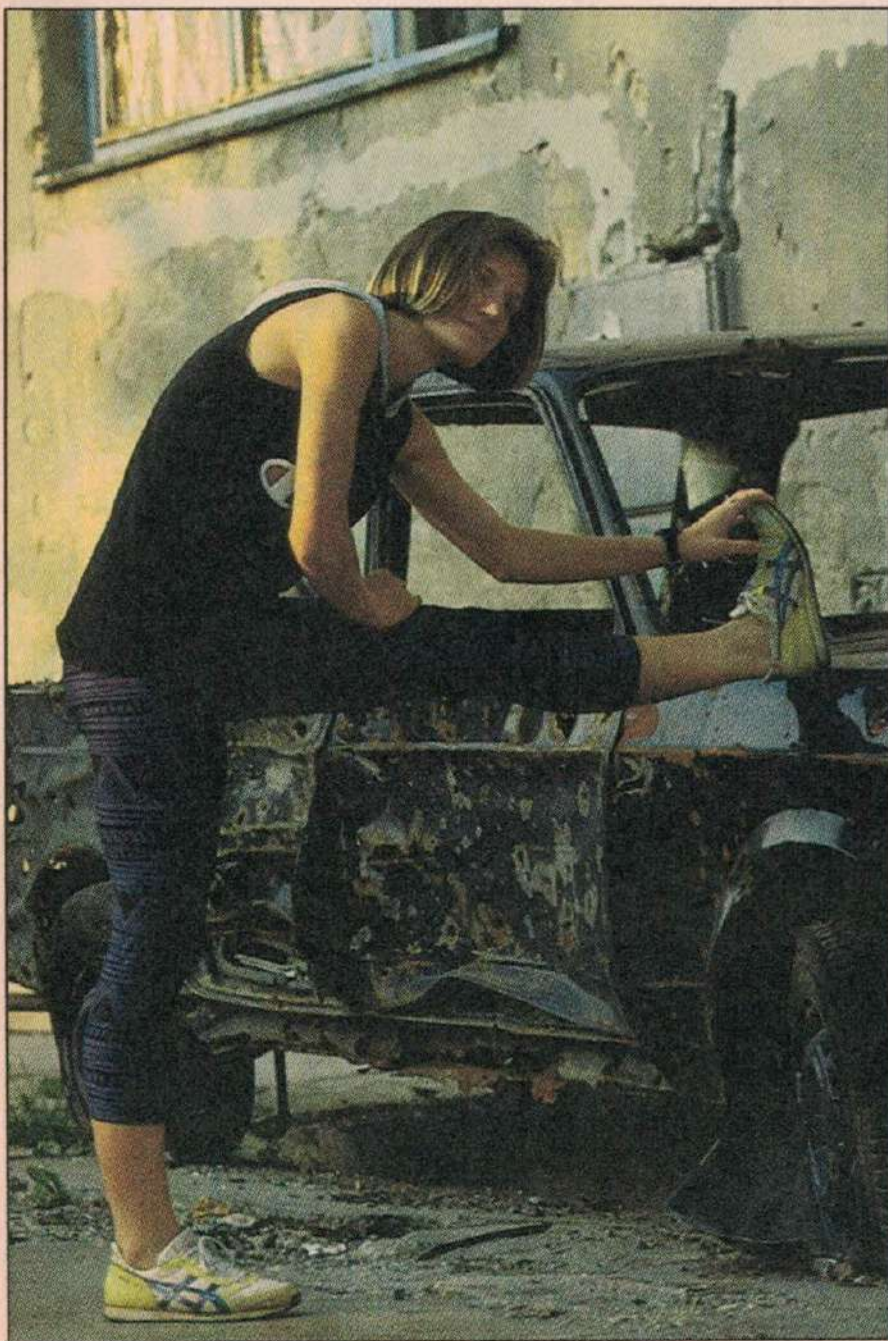
de culto, arrasados pela última guerra, ainda continuam lado a lado.

Mas, através dos séculos, a cidade esclarecida de Sarajevo foi apenas um santuário temporário no turbilhão de paixões étnicas e nacionalis-

rei da recém-batizada Iugoslávia, destruindo qualquer possibilidade de que uma união de reinos balcânicos pudesse ter vida longa.

A colcha de retalhos que era a Iugoslávia entrou por acaso na Segunda Guerra Mundial, e dela saiu tendo como líder o guerrilheiro comunista Marechal Tito. Metade croácio, metade esloveno, ele executou ou aprisionou milhares daqueles que considerava politicamente suspeitos. Exerceu o poder absoluto sobre a Iugoslávia durante 35 anos. Com sua personalidade exacerbada – e mais uma força policial brutalmente eficaz – sufocou as animosidades entre as seis repúblicas da nova Iugoslávia.

Porém, mal Tito fora sepultado em maio de 1980, os antigos ódios e inseguranças tornaram a se inflamar. Ao final da década, um agitador popular calculista, chamado Slobodan Milošević surgia como líder do Partido Comunista Sérvio. Para consolidar sua posição, começou a pregar com um fervor nacionalista



*Mirsada se aquece para enfrentar seus inimigos diários: câibras e atiradores de tocaia*

tas que a envolvia. Em 1914, um terrorista sérvio assassinou o herdeiro do trono austro-húngaro, precipitando a Primeira Guerra Mundial. Em 1934, separatistas croatas mataram o

que apavorou os vizinhos. As repúblicas que tivessem encraves sérvios se tornariam parte da Grande Sérvia, proclamava ele. Milošević ordenou que o Exército atacasse a Croácia e a

Eslovênia, e ali armou a minoria sérvia da Bósnia, instigando-a a atacar seus vizinhos.

No frenesi de roubos e estupros que se seguiu, milhares de civis indefesos foram massacrados. Então, em abril de 1992, a milícia sérvia da Bósnia cercou Sarajevo, a partir dos montes vizinhos.

Naquela época, Sarajevo era a jóia da Iugoslávia, o modelo de uma sociedade decente, cordial, civilizada, aberta a novas idéias. A fé muçulmana, herança dos tempos em que a região fazia parte do Império Otomano, co-existia tranqüilamente com as religiões católica, ortodoxa e judaica.

A guerra começou com um ataque sérvio à Bósnia oriental, em 1992. Durante os 43 meses seguintes, atiradores de tocaia, morteiros e artilharia matabam dezenas de milhares e deixariam muitos outros desaparecidos.

A violência chegou a Bojnik, aldeia de Mirsada, no dia 29 de maio de 1992, cerca de sete semanas depois do ataque a Sarajevo. Mensud, irmão de Mirsada, que se juntara, havia pouco tempo, a um grupo de defesa local, fazia parte de uma patrulha. Mirsada e a mãe estavam na casa do tio, onde o porão fora reforçado, para o caso de um ataque. Cedinho naquela manhã, um morteiro explodira no povoado. Os rifles estouravam no escuro e uma metralhadora começou a atirar projéteis luminosos.

A princípio, ninguém pronunciou uma palavra. O tiroteio continuava e mais projéteis sacudiam a casa. Pouco a pouco, os membros da família e os vizinhos foram se juntando no porão, escuro como breu. As criancinhas

choramingavam de medo. Quarenta pessoas se amontoaram ali.

Durante mais de dois dias, bombas e tiros estouravam por sobre suas cabeças. A comida foi logo consumida; a água e a energia foram cortadas pelos atacantes. As granadas explodiam perto do prédio, e quem se aventurava a subir só conseguia ver casas arrasadas em volta.

Mensud e seu bando, tendo apenas carabinas e espingardas de caça para lutar contra os Sérvios fortemente armados, assim mesmo conseguiram impedi-los de dominar o povoado. No domingo, no meio da noite, Mensud esgueirou-se para dentro do porão, declarando que ele e os outros não poderiam mais deter os Sérvios.

“Vocês vão ter de sair daqui agora!”, alertou ele, instruindo-os a fazê-lo pela parte baixa da aldeia. Em seguida, desapareceu. Mirsada não sabia se tornaria a vê-lo.

Ainda não tinham chegado à parte baixa quando uma metralhadora começou a atirar e os projéteis luminosos varreram os céus. Aterrorizados, esconderam-se às pressas numa casa vazia.

Depois de horas de negociação, os moradores da aldeia renderam-se aos soldados sérvios. Lentamente, foram saindo, na chuva de primavera. Quando Mirsada viu três tanques grandes cheios de soldados sérvios, percebeu que não iam ser levados para Sarajevo. Entre os soldados, ela reconheceu vários rapazes que tinham sido seus colegas de escola, com quem fora até a festas. Ao saltarem dos tanques, eles evitaram olhar para ela.

Com seus rifles e fardas verdes, começaram a dominar os civis indefesos, enquanto separavam os homens das mulheres. Ela teve vontade de gritar *O que lhes fizemos? Por que estão fazendo isso?*

Os Sérvios puseram as mulheres numa viatura militar, os homens em outra. Ao partirem pela aldeia ainda em chamas, Mirsada viu que algumas das casas tinham perfurações de balas. Os telhados tinham sido destroçados e a chuva caía dentro dos cômodos. Outras tinham sido reduzidas a escombros pelas bombas. Estranhos catavam alguma coisa no meio das ruínas.

Quando notou que nem todas as casas tinham sido destruídas, aos poucos foi compreendendo uma coisa insuportável: somente as casas dos Muçulmanos e Croatas tinham sido atingidas. As casas dos Sérvios continuavam intactas. Ela sabia que ninguém poderia ter dirigido o fogo dos morteiros e metralhadoras sérvias com tal precisão, a não ser os que conheciam bem o povoado.

Isso significava que os próprios vizinhos sérvios – seus amigos – não só estavam a par do ataque iminente, como também deviam ter ajudado a executá-lo. Mirsada sentiu-se fisicamente esgotada diante da chocante conclusão de que seu treinador e sua melhor amiga provavelmente também sabiam.

E eles não a tinham avisado.

## Purificação étnica

DESDE AQUELE momento, Bojnik

foi declarada aldeia sérvia. Os Sérvios das vizinhanças receberam as terras e o que restara das casas dos Muçulmanos.

A traição era a ordem do dia. Em nome da “purificação étnica”, o líder sérvio da Bósnia, Radovan Karadžić, e suas tropas haviam reunido todos os Muçulmanos e Croatas de Bojnik e os transportaram para Rajlovac, antiga base militar ao norte da aldeia, onde foram aprisionados.

Mirsada e as outras mulheres foram alojadas num quartel a cerca de cem metros dos homens, que tinham sido arrebanhados num grande tanque cilíndrico, vazio, que antes contivera combustível de aviação. Era frio e tinha um cheiro horrível. Um portão de barras de aço fechou-se sobre eles.

A mente de Mirsada refletia obsessivamente sobre a velocidade alucinante com que sua vida mudara nas últimas 72 horas. Na tarde de quinta-feira, ela estava treinando no estádio municipal. Então, sua preocupação principal era se manter em ótima condição física, enquanto aguardava para saber se tinha conseguido índice para a equipe Olímpica da Bósnia. Agora, ela e todos os que amava se encontravam encarcerados. Ao que soubesse, dentro de mais 72 horas poderiam estar todos mortos.

Nos dias seguintes, os captores não lhes disseram nada. A refeição diária era uma fatia de pão bolorento e uma xícara de chá frio. A única fonte de água era a mangueira de incêndio, ligada e desligada irregularmente. Para 211 mulheres e crianças, havia dois va-



tos sanitários apenas. Nenhuma das descargas funcionava.

Mais tarde, o tio de Mirsada contou-lhes cenas de uma brutalidade indescritível. Os prisioneiros homens, apenas com a roupa de baixo, eram espancados até caírem ao chão. Depois disso, espalhava-se sal de cozinha em seus ferimentos.

Um dia, um soldado destrancou a porta da prisão improvisada e chamou o nome de Mirsada. “Tenho permissão para levá-la a sua casa, a fim de pegar alguns de seus pertences”, disse.

Ela não sabia o nome dele, mas o reconheceu como sendo de sua aldeia. No caminho para Bojnik, o soldado disse que a tinha visto correr e que ia procurar ajudá-la.

Quando ela chegou a casa, não havia nada a recuperar. Fora completamente saqueada. Todas as coisas de valor tinham sido destruídas ou roubadas. Suas medalhas e troféus jogados por todos os cantos; as cortinas queimadas, os livros esvaquiados. Mirsada ficou no meio do seu quarto, olhando para um exemplar destruído do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, contendo as lágrimas. *Este sérvio não me pode ver chorar*, pensou. Mas não conseguiu impedir que suas mãos tremessem.

O soldado então entrou no quarto. Ela notou que ele tinha deixado o rifle no carro.

– Qual é o problema? – perguntou ele.

A jovem não conseguiu falar. De repente, ele se aproximou dela, com malícia, e num instante ela entendeu

tudo. Já tinha ouvido histórias de estupro em massa por soldados sérvios, mas desde que fora presa a idéia não lhe passara pela cabeça. Mas, naquele momento, passou – e ela ficou apavorada.

Quando as mãos dele começaram a avançar, a atleta ficou parada, desafiadora. Conseguiu afinal falar:

– Escute, você é mais forte do que eu, e sei que pode fazer o que quiser comigo. Depois olhou bem nos olhos dele. – Mas terá de me matar primeiro – disse.

Passaram-se minutos que pareceram uma eternidade. Ela nem respirava. Viu o desejo dele transformar-se numa raiva que o deixou vermelho. Depois, a raiva passou à resignação. Ele recuou.

– Pegue o que quiser – disse-lhe. – Vamos dar o fora daqui.

– Não quero nada – respondeu ela. Entraram no carro e voltaram para Rajlovac, sem pronunciar palavra.

## Um sonho se realiza

NO DÉCIMO TERCEIRO dia de seu encarceramento, os homens idosos, inclusive o pai de Mirsada, e as mulheres e crianças foram libertados. Alguns mal conseguiam se manter em pé. Foram embarcados num ônibus para Sarajevo e trocados por soldados da milícia sérvia, capturados pelos Bósnios.

Em Sarajevo, na casa de Majda, irmã de Mirsada, eles choraram por estar novamente reunidos. Chegaram outros membros da família e, logo, já

eram 17. Doze dormiram no chão do apartamento, que só tinha um quarto. Mas esse reencontro tornou-se triste pela ausência de Mensud.

Salvos da morte, os Buric tentaram começar vida nova na cidade sob o cerco. Esperavam em fila, de forma resignada, pelo pão, água ou um pacote de alguma organização de auxílio. E mesmo isso chegava às custas de riscos mortais. As pessoas sabiam como os atiradores sérvios eram precisos. Algumas semanas antes, pelo menos 16 pessoas que esperavam na fila do pão tinham sido mortas num ataque de morteiros.

Dia após dia, a investida violenta continuava. Os canhões miravam até o mais importante hospital de Sarajevo. Alguns faziam questão de não mudar o passo quando atravessavam uma zona aberta aos atiradores de tocaia. *Para quê?*, era o que se dizia. *Se você andar, a bala o pega. Se correr, você pega a bala.*

Foi em Sarajevo que Mirsada soube que tinha sido selecionada para a equipe Olímpica da Bósnia. Ficou encantada. Porém, era suficientemente realista para saber que, como não tinha possibilidade de um bom treinamento, e nem mesmo uma dieta nutritiva, era improvável que conquistasse alguma medalha. E as Olimpíadas começariam dali a pouco mais de um mês.

Nada disso importava.

“Não tínhamos de conquistar medalhas em Barcelona”, observou Mirsada mais tarde. “Bastava estarmos lá.”

Não obstante, redobrou seus esfor-

ços. Estava correndo por sua vida – a vida que lhe tinham roubado.

Durante as primeiras semanas de treinamento, sentia-se frágil devido aos praticamente 13 dias de fome, e a princípio tinha câibras muito dolorosas. Mirsada continuava a correr, apesar das dores. Estava decidida a fazer com que houvesse uma equipe bósnia em Barcelona, nem que ela fosse a única participante.

Uma barragem de artilharia chegava todos os dias, de manhã cedo e no fim da tarde. Nos dias em que o tiroteio era mais pesado, era obrigada a se contentar em subir e descer correndo pela escada do porão e a pular corda. Quando se aventurava a sair, fechava a mente aos perigos.

Da primeira vez em que o povo a viu, ficou espantado. Aos poucos começaram, cautelosamente, a sair de suas casas para olhá-la, aplaudindo quando ela aparecia.

Embora Mirsada não pudesse ver os atiradores de tocaia nos morros, sabia que eles podiam vê-la. Uma tarde, estava fazendo exercícios de alongamento num parquezinho junto ao apartamento da mãe, quando uma bala passou zunindo centímetros acima de sua cabeça, atingindo a árvore em que se apoiava. A seguinte acertou mais perto ainda. Evidentemente, alguém a mantinha sob mira e estava querendo matá-la. Mirsada correu para se proteger.

Um outro dia, quando passava correndo por carrocerias de automóveis incendiados numa rua que era alvo de bombardeios, um projétil de morteiro estourou bem atrás dela, levantando

estilhaços afiados, espatifando vidros, arrasando o concreto e destroçando as paredes. Horrorizadas, as pessoas que assistiam à cena chamaram-na para dentro das casas, a fim de salvá-la, mas a atleta não quis parar de correr.

Era seu protesto pessoal, diria Mirsada mais tarde, contra aqueles que tinham empreendido a purificação de raças – expulsando os civis de suas casas e matando aqueles que resistiam ou os enraiveciam apenas por causa de sua origem étnica.

Por fim, uma semana antes de a equipe bósnia ter de se apresentar em Barcelona, arranjaram um quarto para o grupo no Sarajevo Holiday Inn. Lá, pela primeira vez desde que fora presa, comeu como atletas devem comer. Naquela semana, Mirsada sentiu que estava ficando cada vez mais forte.

Mas até mesmo o Holiday Inn foi uma vantagem ambígua. O hotel, marcado pela guerra, tinha dez andares e dava para a rua conhecida como *Beco dos atiradores de tocaia*. Sua fachada amarela suja era um fundo perfeito para os atiradores de elite que miravam as pessoas e os carros que andavam pelo Bulevar Marechal Tito. Todos os moradores tinham de se submeter às pesadas punições dos atiradores sérvios.

Um dia, à tardinha, Mirsada estava no meio de um ataque de morteiro ali perto. As granadas estouravam atrás dela e depois na frente, enquanto as turmas dos morteiros, mirando seu vulto correndo, sentiam a hora da matança.

A uns 30 metros da entrada do ho-

tel, Mirsada se deu conta de que não ia conseguir chegar. Em desespero, mergulhou pela primeira janela de vidro laminado que viu e caiu dentro do hotel. Levantando-se às pressas, correu para o saguão.

Um jornalista, o rosto branco de pavor, correu para ajudá-la.

“Está maluca?”, perguntou. “Você podia ter-se cortado seriamente.”

*Melhor do que ser explodida*, pensou ela, quando a rajada do morteiro que a teria matado triturou o resto da janela.

Seguiram-se mais problemas. O simples fato de participar das Olimpíadas era um sério desafio. Os Sérvios mantinham o aeroporto sob bombardeio intermitente. Prolongadas negociações burocráticas para levantar o cerco se arrastaram até que, nas 24 horas anteriores à data em que o time bósnio era esperado em Barcelona, os Sérvios finalmente concordaram em deixar que a ONU conduzisse de avião Mirsada, outro atleta e vários treinadores e funcionários.

Foram todos para o aeroporto num ônibus escoltado pelas viaturas blindadas da ONU destinadas ao transporte de pessoal; lá, tiveram de esperar mais sete horas até que acabasse um ataque de artilharia.

Mirsada, finalmente, encontrou-se com seus oito companheiros de equipe em Barcelona. Eles mal tiveram tempo de apanhar suas credenciais, vestir o uniforme nacional, azul e branco, e tomar um ônibus para o estádio olímpico.

E, de repente, lá estava ela, de pé numa rampa que levava ao estádio.

Ouvia o anunciante chamando os países que participavam e os aplausos cada vez que uma equipe marchava orgulhosamente para o campo.

Finalmente, ela ouviu as palavras encantadas – “Bósnia-Herzegovina” – e o pequeno contingente de atletas desfilou sob as luzes ofuscantes, levando sua bandeira azul e branca. Uma onda estrondosa de aplausos os envolveu, vinda das 65 mil pessoas presentes nas arquibancadas. Enquanto a equipe marchava em volta da pista, as pessoas se levantavam, numa animação frenética.

Os olhos de Mirsada estavam cheios de lágrimas, ofuscando tudo o que estava à frente. Ela jamais se sentira tão orgulhosa.

## Uma vitória pessoal

MIRSADA CORREU na sexta-feira, dia 31 de julho, um dia de calor e umidade sufocantes. Teve boa partida, movendo-se com o grupo, não muito distante dos primeiros. Devido à sua baixa resistência, o calor começou a afetá-la, e por volta dos 3 mil metros ela tropeçou. Os corredores que tinham treinado na paz e fartura começaram a se distanciar. Numa onda de tristeza, a jovem se deu conta de que não estava correndo para ganhar, mas apenas para chegar ao fim.

Nesse momento, pensou no lema olímpico, herdado dos gregos: “O importante nos jogos não é vencer, e sim competir. O essencial não é conquistar, e sim lutar bem.”

Pensou na mãe, no pai e na irmã Majda, esperando que eles pudessem

vê-la na televisão. E pensou no irmão. Mirsada sabia que não estava correndo por si; estava correndo por eles, pela Bósnia-Herzegovina.

Quase exausta, a atleta, de repente, sentiu as pernas adquirirem força própria. A cabeça bem erguida, correu o máximo até chegar ao final. Foi a última de seu grupo, com um tempo de 10:03:34, mais de 40 segundos além de seu melhor tempo. Mas quando passou pela linha final, aconteceu um fato notável. Os presentes ao estádio se levantaram, aclamando Mirsada publicamente. Os repórteres e fotógrafos amontoaram-se em volta dela como se ela fosse a vencedora.

Sua luta lhes comovera os corações: ela era “a garota que tinha corrido no meio do tiroteio para chegar lá”, conforme disse um jornalista. Mas, para Mirsada, a má colocação foi um amargo desapontamento. Enquanto os companheiros de equipe a felicitavam e ela se forçava a sorrir para os jornalistas, já sonhava com uma nova meta, quatro anos adiante: ela tornaria a correr nas Olimpíadas. E dessa vez, tudo seria diferente.

## Transformação

DEPOIS DE RECEBER o bilhete de Mirsada, remetido de Barcelona, Eric não sabia se algum dia teria notícias dela. O verão terminou, e nenhuma palavra. Então, no princípio do outono, ele encontrou em sua caixa de correio uma carta com selos estrangeiros bem diferentes. Era de Ljubljana, na Eslovênia, a mais setentrional das antigas repúbli-

cas iugoslavas. Terminadas as Olimpíadas, Mirsada esperava poder se reunir à família em Sarajevo, porém não era seguro voltar para lá. Tinham-lhe dado o status de refugiada em Ljubljana e estava morando em um hotel.

Escrevera a Eric no papel de cartas do hotel, que tinha endereço e número de telefone e de fax. Anotando-os, Eric imediatamente passou um fax em resposta, dizendo como estava feliz por ter notícias dela e que, como antes,

## Próximo mês

# Armadilhas da dieta

Fique de olho nestes e outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

### CICLONE NO PACÍFICO

Ninguém imaginava o terror prenunciado por algumas nuvens no horizonte.

### A SEGUNDA CHANCE

Desta vez, Ken Benedict, na pele de um bombeiro, tinha de fazer a coisa certa – outras pessoas foram pegadas pela tempestade de fogo.

### DURMA BEM ESTA NOITE

Mesmo aqueles que pensam ter bom sono podem estar enfrentando alguma coisa errada à noite. Será este o seu caso?

Você faz dieta há um mês e só perdeu meio quilo? Está recuperando rápido os quilos que perdeu no último verão? É hora de evitar as seis principais armadilhas de uma dieta.



gostaria de ajudá-la. No dia seguinte, ele lhe passou outro fax, contando um pouco mais sobre si. Porém, como ansiava por falar com ela pessoalmente, no terceiro dia lhe telefonou, nervoso. Era a primeira vez que um ouvia a voz do outro.

– Mirsada?

Ele se recorda de sua voz fraquinha:

– Da?

– Olá. Aqui é o Eric.

– Ah, Eric! – exclamou ela.

Mirsada só compreendia algumas palavras em inglês, de modo que Eric teve de falar muito devagar. Durante a conversa, ela por vezes ficava escutando calada, mas quando o compreendia claramente, dizia, animada: “Sim!

Sim!” Quando terminou o telefonema, cada qual sentiu que um contato pessoal tinha sido feito. Um mundo de cartas voou de um lado para outro. Eric enviou uma foto sua. Mirsada conseguiu um dicionário Inglês-Bósnio e arranhou alguém que lhe ajudasse a escrever suas próprias respostas.

Para Mirsada, as cartas eram uma distração bem-vinda na sua agonia constante de preocupação com o destino da família. Como refugiada, sem recursos em Ljubljana, não tinha permissão para trabalhar nem se matricular na universidade. Conseqüentemente, fez poucos amigos por lá. Solidão e preocupação eram suas companheiras mais constantes.

## Garanta que Seleções o acompanhará!

**PARA MUDAR SEU ENDEREÇO:** Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

**Envie este cupom para Reader's Digest  
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ**

**NOVO ENDEREÇO**

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

**MUDANÇA DE ENDEREÇO?**

Ela teria dado qualquer coisa para conseguir voltar a Sarajevo, por mais perigoso que fosse. Era lá seu lugar, com a mãe, o pai e a irmã, ajudando-os a procurar o irmão desaparecido. Mirsada devia estar partilhando os sofrimentos da família – se é que ainda estavam todos vivos.

Mas Sarajevo, a menos de 400 quilômetros de distância, podia até estar em outro planeta. Os Sérvios tinham isolado, eficientemente, a cidade arrasada do resto do mundo. Não havia linhas telefônicas, nem serviço de correios. Todas as estradas e ferrovias se encontravam bloqueadas e o aeroporto estava sob barragem constante.

Mirsada por vezes se perguntava: *Será que alguém vai sobreviver a essa guerra?*

## Afinal, o encontro

POR MENOR que fosse, cada notícia sobre a Bósnia-Herzegovina, que antes teria passado despercebida por Eric, agora lhe chamava a atenção. Um dia, ao assistir a um noticiário sobre crianças protegendo-se de um tiroteio, feridas pelas ruas de Sarajevo, ele chegou a chorar diante das imagens. Depois desse noticiário, Eric sentiu como se lhe tivessem dado uma missão.

“Comecei a dizer que alguém tinha de ajudar aquelas crianças”, lembra-se ele, “até que afinal percebi que *eu* era esse alguém. Se conseguisse ajudar uma criança que fosse, talvez isso convencesse outra pessoa a ajudar outra criança, e depois haveria outra,

e talvez nós todos juntos pudéssemos trazer-lhes alguma esperança.”

Enviou uma petição à diretoria da escola de Prescott para que oferecesse vagas a dez crianças bósnias nas escolas locais. “Quem selecionaria as crianças?”, perguntaram os membros da diretoria, confusos. “Quem pagaria suas passagens de avião? Onde poderiam morar?”

Eric confessou que ainda não sabia, mas prometeu que isso não seria problema deles. Pessimistas, prometeram considerar a proposta.

Sem desanimar, foi para casa e começou a ligar para pessoas que poderiam abrigar uma criança bósnia. Seis concordaram. Depois, soube de um campo de refugiados croácio e arranjou uma licença no trabalho para ir até lá.

“Sempre procurei parecer confiante quando falava com as pessoas sobre isso”, confessou ele, “mas a verdade é que não sabia o que fazer ou como poderia ajudar, e nem conhecia alguém que me instrísse. Então, resolvi que teria de ir lá pessoalmente para descobrir.”

Ele também estava resolvido a conhecer a mulher que um dia apareceu correndo numa tela de televisão e tinha mudado sua vida.

Então, no dia 3 de janeiro de 1993, quase um ano depois de cativado pelas rápidas imagens dela, ele se preparou para uma viagem aérea de mais de 4 mil quilômetros para a Croácia, onde nunca havia estado, com o objetivo de localizar crianças que nunca vira e começar a providenciar suas passagens para os Estados Unidos. Era um ato de pura fé.

Eric desembarcou em Zagreb com apenas o número do telefone de uma assistente social croata. Ela o pôs em contato com uma voluntária junto a refugiados bósnios, que lhe serviu de intérprete e o levou ao campo, onde ele passou os seis dias seguintes. Aproveitando seu treinamento de fotógrafo, gravou um vídeo, com a idéia de que se pudesse transmitir todo aquele sofrimento, poderia levar as pessoas a oferecerem ajuda. Procurou especialmente as crianças cujos pais tinham desaparecido ou sido mortos.

“Depois de certo tempo, aprendi a reconhecê-las – tinham um ar de perdidas”, recorda-se ele. “Um menino me contou que tinha sido obrigado a assistir milicianos sérvios degolarem o pai.”

Depois de passar uma semana visitando os acampamentos, Eric dirigiu durante três horas por uma terra desolada e arrasada pela guerra. Avançou cautelosamente pelas fronteiras, onde os guardas olhavam-no desconfiados, observando seu passaporte americano. Por fim, aproximou-se da cidade de Ljubljana.

Mirsada estava esperando por ele numa névoa gelada, do lado de fora da rodoviária de Ljubljana. Sete dias antes, Eric lhe dissera que iria à Eslovênia para se encontrar com ela. Seguiram-se faxes e telefonemas; a hora e o local de seu encontro foram confirmados. No entanto, ela custava a acreditar que ele viria realmente. *Por que se havia de dar a esse trabalho?*

JÁ PASSAVA das nove da noite, a hora combinada. Ela ficou olhando an-

siosamente de um lado para outro, espiando o tráfego, procurando o pequeno automóvel russo que Eric dissera ter alugado. Mas os carros só paravam quando o sinal do cruzamento ficava vermelho, e depois seguiam.

*Que estou fazendo aqui?* Mirsada se perguntou. *Correspondendo à gentileza de Eric*, pensou. Desde que partira de Sarajevo, ele era a primeira pessoa que parecia se importar com ela – não como uma corredora Olímpica ou uma refugiada, mas como um ser humano.

Um carro diminuiu a marcha e parou. Mirsada sentiu o coração bater mais forte. Abriu-se a porta do lado do motorista e um homem louro, de brilhantes olhos azuis, saltou e começou a andar em sua direção, a passos largos, e depois correndo. Os carros atrás de Eric buzinaram – o sinal abria – mas ele nem olhou para trás. Seus olhos estavam fixos nela. Mirsada viu que ele estava sorrindo. Quando se aproximou, ela estendeu a mão, mas ele não fez caso e a abraçou com força.

## Convite significativo

COMO O INTÉRPRETE ainda estava no carro, sua conversa chegou ao fim depois de um “Olá, como vai?”, seguido de risadas. Eric pegou a mão de Mirsada e juntos correram para o carro. Foram primeiro ao restaurante do hotel dela; nem Eric nem o intérprete tinham comido desde o meio-dia. Mas ele não estava muito preocupado com a comida. Mirsada e Eric queriam descobrir tudo um sobre o ou-



tro. Tinham tanta coisa a contar, tantas perguntas a fazer e a responder nas poucas horas disponíveis até que Eric tivesse de pegar o voo de volta aos Estados Unidos, no dia seguinte, às 12h.

Ele escutava tão avidamente enquanto o intérprete tentava traduzir suas palavras entre o bósnio e o inglês que ela se sentia culpada sempre que parava para comer.

– Por que você gastou tanto dinheiro para vir aqui? – perguntou Mirsada.

– Para conhecer você – disse Eric, sorrindo.

– Não?!? Por quê?

O sorriso desapareceu e Eric afastou o olhar.

– Eu via as fotos dessas criancinhas, abandonadas, mortas, agonizando, e não conseguia parar de pensar: *Cabe a mim fazer alguma coisa.*

Mirsada perguntou:

– Mas o quê? Você pode parar a guerra? Pode levar todas as crianças para os Estados Unidos?

– Claro que não – respondeu Eric –, mas se eu puder ajudar ao menos uma...

Ele falou das seis famílias de Prescott que tinham prometido abrigar uma criança refugiada. Disse que talvez conseguisse dinheiro emprestado para a passagem dos pequenos.

No meio da conversa, Eric sentiu se anularem os maus pressentimentos das últimas semanas. Ia dar tudo certo – eles se gostavam.

Pagou a conta e os três subiram para o pequeno apartamento de Mirsada para continuar a conversa.

– Agora conte sobre você – pediu Eric.

Eram mais de três horas da manhã quando Mirsada terminou a história de sua vida tumultuada. O intérprete, cansado, perguntou quando eles iam embora. Ao ouvir aquilo, Mirsada pediu que ficassem mais um pouco.

– Tenho de saber da vida do Eric – disse ela. – Por favor. Vou fazer um café.

Então Eric começou.

Contou que havia nascido em Berlim, mas não conhecera seus pais verdadeiros. Quando tinha pouco mais de um ano, foi adotado por Carl e Gerda Adam, casal alemão que emigrara para os Estados Unidos e se instalara no Arizona. Eles tinham outro filho adotivo, Steven.

A infância de Eric fora feliz e despreocupada. O pai, negociante trabalhador e habilidoso, comprou uma casa em Phoenix e mandou os filhos para boas escolas locais. Eles se criaram como típicos garotos americanos.

Mas, a certa altura, alguma coisa muito errada aconteceu com Eric. O que começou como brincadeira de garoto quando ele tinha 13 anos – arrombar o armário de bebidas dos pais, levar cerveja escondida para as festas da escola – transformou-se num tormento que o perseguiria pelos 15 anos seguintes, e o faria mergulhar no alcoolismo. Contou-lhe sobre sua recuperação, a morte trágica de Suzi Hollowell e sua vida vazia desde então.

Quando terminou, a luz da manhã estava entrando pela única janela do minúsculo apartamento. Eric olhou para Mirsada e disse:

– Mas agora não me sinto mais sem esperança.

Compadecida pelo sofrimento de Eric, ela estendeu a mão e tocou de leve no braço dele.

O tempo estava esgotado. A não ser que Eric saísse dentro de uma hora, perderia seu vôo. Tirou uma última foto de Mirsada usando o agasalho que lhe dera. Depois, o intérprete tirou uma foto de Eric com o braço em volta de Mirsada.

Vendo a tristeza no rosto dela, Eric sentiu que não poderia deixá-la desse jeito.

– Escute, você iria para os Estados Unidos? – ele se ouviu dizer, apressadamente. – Eu a patrocino, se quiser, e posso ajudá-la a conseguir um visto. Você poderia matricular-se numa faculdade. Não há compromisso. Você terá uma passagem de ida e volta e poderá voltar para casa quando quiser.

Profundamente comovida por aquela proposta generosa, Mirsada agradeceu, mas recusou. Não poderia partir sem saber o que tinha acontecido com sua família. Ela começou a chorar.

Eric beijou-a no rosto e disse:

– Bem, se algum dia mudar de idéia, a oferta está de pé. – E então, com um ligeiro aceno, ele se foi.

## Mensagem alegre

DEPOIS DA VISITA de Eric, Mirsada ficou ainda mais deprimida do que antes. Tinha deixado escapar uma chance de felicidade. Ali estava a oportu-

nidade de trabalhar, de ir para uma faculdade americana, talvez até correr e voltar a competir nas Olimpíadas. E estaria com Eric, alguém que ela sabia ser de confiança.

Mas como poderia sair de Ljubljana sem saber se os pais e a irmã estavam vivos? Mesmo que fosse um deserto espiritual para ela, era o mais perto que ela podia chegar de seus entes queridos. As notícias da Bósnia-Herzegovina continuavam a despedaçar seu coração. Em fevereiro, um morteiro de 120mm explodiu numa esquina do mercado de Markale, em Sarajevo. A explosão matou 69 pessoas e feriu muitas outras. Atribuía-se a culpa aos Sérvios.

E então, no meio das trevas, brilhou um raio de luz. Um operador de ondas curtas amador lhe telefonou. Seu contato de rádio em Sarajevo tinha se comunicado com Majda. A irmã mandava avisar a ela que todos estavam bem e que ainda tinham esperanças de ter notícias de Mensud.

– Quer mandar alguma mensagem em resposta? – indagou o operador.

Extasiada, Mirsada, afinal, sentiu-se com liberdade para exprimir os desejos que vinha sufocando em sua consciência durante todas aquelas semanas.

– Diga que estou pensando em ir para os Estados Unidos. De lá poderei falar com todos pelo telefone e talvez consiga ajudá-los. E diga também que eu os amo!

Depois desse telefonema, pediu a uma amiga que falava inglês para auxiliá-la a escrever uma carta para Eric. Contou que tinha entrado em contato

com a família e que agora se sentia livre para deixar Ljubljana e arranjar um meio de auxiliá-los, nos Estados Unidos. “Se você ainda acha que poderá me ajudar”, concluiu, “agora aceito a sua oferta.”

Para Eric, a carta chegou num momento crítico. Suas esperanças de socorrer as crianças bósnias estavam minguando, devido à falta de dinheiro e à burocracia impenetrável de ambos os lados do Atlântico.

O banco recusara seu pedido de empréstimo pessoal no valor de dez mil dólares para pagar as passagens das crianças. “Uma idéia humanitária”, dizia a carta de recusa, “porém impraticável.” Eric já escrevera inúmeras cartas e enviara faxes para vários órgãos governamentais, e também estava sendo impedido pela burocracia do Departamento de Estado dos EUA.

No momento, a carta de Mirsada apresentava novo desafio. Animado, ele pôs-se a trabalhar para lhe conseguir um visto. Preencheu os formulários de responsabilidade necessários e até telefonou à embaixada americana em Ljubljana para tentar apressar o processo.

Quando os burocratas sugeriram a possibilidade de haver alguma complicação porque Mirsada era oficialmente uma refugiada, Eric tentou outra tática. Foi procurar o prefeito de Prescott, Daiton Rutkowski, que não conhecia pessoalmente, e lhe contou a história de Mirsada. Depois perguntou:

– Excelência, estaria disposto a escrever uma carta convidando essa mo-

ça encantadora, corredora de categoria mundial, a visitar Prescott?

– Claro – disse o prefeito, sem hesitar, e escreveu um convite oficial.

Eric imediatamente preparou um fax da carta do prefeito, junto com os formulários necessários e os enviou à embaixada americana em Ljubljana. Aquilo ajudou a desemperrar a burocracia. Cerca de um mês depois, o visto de Mirsada estava pronto. Nesse mesmo dia, Eric ligou para Mirsada.

– Consegui! – gritou ela, em inglês.

– Foi uma sorte – disse ele. – Acabei de confirmar sua passagem.

Ela desembarcou em Charlotte, Carolina do Norte, no dia 14 de março de 1993, no meio de uma tempestade de neve, e passou a noite lá antes de ir para Phoenix. Mirsada sentiu pânico por um instante, quando lhe pareceu que todos no portão de desembarque estavam esperando por outra pessoa. Mas aí, ao ver o rosto de Eric, teve um sentimento tão violento, como se fosse alguém que ela tivesse conhecido durante toda a vida. Eles correram um para o outro e se abraçaram.

No caminho para Prescott, Eric frisou que seu apartamento tinha dois quartos de dormir, mas que ela não era obrigada a ficar lá, se isso a incomodasse. Ele poderia lhe arranjar outro lugar.

– Não quero ficar em outro lugar – disse ela, com firmeza.

## Valente adaptação

OS ESTADOS UNIDOS foram uma

revelação. Mirsada ficou cativada pelo equipamento reluzente da cozinha de Eric e assombrada com a quantidade de frutas frescas na geladeira.

Naqueles primeiros dias, também houve momentos difíceis, em que ela se sentiu dominada pelo desespero. Por vezes achava que estaria sempre três passos atrasada naquele novo mundo estonteante. Todos os dias as coisas abalavam-na – utensílios de cozinha que não conhecia, a estranha língua. *Como ia poder aprender inglês suficiente para se candidatar a uma faculdade americana?*

Mirsada sentia saudades de casa. As montanhas do Arizona lembravam-lhe os morros castanhos de Bojnik. Isto às vezes a animava, mas outras vezes a fazia chorar.

Claro, Eric estava por perto, quando era importante. Ele exercitava o inglês dela, consolava-a quando ela estava agoniada, pensando na sorte da família, e a animava quando se sentia deprimida.

Ajudava-a, ainda, a se fortificar e a ter resistência. Todos os dias, ao voltar do trabalho, ele a levava aos morros para que pudesse correr; cronometrava cada corrida e depois a levava para casa de carro.

Assim mesmo, ela se sentia isolada. Aonde quer que fosse, Eric tinha de levá-la. Nas lojas, ele muitas vezes precisava falar por ela. Mais perturbadores ainda eram os silêncios em que Eric por vezes se afundava.

Mirsada era falante. Tinha sido criada numa família afetuosa, expansiva. Além disso, acabava de ter sido liberada de um exílio solitário e que-

ria dizer coisas que tinham estado enterradas dentro dela.

Eric, em contraste, era uma pessoa reservada, acostumado a ficar só e sentir-se bem durante longos períodos de sossego. Mais de uma vez, querendo um momento de solidão, ele saía para dar um longo passeio a pé, sozinho.

As frustrações dela foram se acumulando até que, um dia, uma pequena centelha detonou uma explosão violenta. Eles estavam assistindo ao noticiário na TV quando Mirsada pediu a Eric para lhe explicar algumas palavras que não entendia. Absorto, ele respondeu:

– Psiu! Num minuto.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Levantou-se e foi para o quarto. Quando ele a seguiu e perguntou o que havia acontecido, ela despejou tudo.

– Você. Eu. É isso o que há! Eu sou o... não sei... um grande problema para você.

– Espere aí...

– Não! O que estou fazendo aqui na sua terra? Nada. Não posso trabalhar. Não tenho dinheiro. Não posso ir a lugar nenhum sem você. É só com você que posso falar, e você só me responde se quiser. Quer que eu volte? Eu volto.

– Mirsada, escute-me! – interrompeu Eric, pegando as mãos dela. Ele parou. – Não quero que vá embora. Eu... a amo.

Um silêncio carregado se fez depois que ele disse estas palavras. Até aquele instante, não se dera conta das inúmeras desfeitas que cometera sem querer.

– Desculpe – continuou. – Eu não compreendia.

Ela conseguiu sorrir. Nesse instante, o viu sob um prisma diferente. Daquele momento em diante, ele procurou desenvolver a independência dela. Um dia lhe falou sobre um curso de inglês em nível avançado que ia começar no ginásio. Mirsada sacudiu a cabeça.

– Não estou preparada para isso – disse ela. – Vão rir de mim.

– Ninguém vai rir. Vocês vão estar todos no mesmo barco.

– Que barco?

Ele explicou a expressão e depois continuou:

– As pessoas estudam inglês nesse curso porque querem aprender. Todos se ajudam. Vão ajudá-la.

Ela olhou para ele, com uma expressão indagadora.

– Está bem, vou tentar. – Depois deu uma risada. – Vou entrar no mesmo barco.

Após algumas semanas, conseguiu deixar de carregar por toda a parte seu grosso dicionário inglês/bósnio e, crescendo sua autoconfiança, matriculou-se

como voluntária numa escola primária para praticar conversação em inglês.

Um dia, Eric chegou cedo do trabalho e anunciou: “Temos um compromisso com o prefeito.”

Vinte minutos depois, Mirsada estava apertando a mão do prefeito e escutando Eric dizer:

– Excelência, esta é a moça que o senhor teve a gentileza de convidar para vir a Prescott.

Eric acrescentou que ele e Mirsada queriam contar às pessoas sobre a crueldade da guerra na Bósnia-Herzegovina e talvez conseguir ajuda pa-

*Mirsada trabalhou com Eric para obter ajuda às crianças bósnias refugiadas de guerra*



ra as crianças feridas e órfãs daquele lugar.

## Encontro fortuito

NUM SÁBADO do mês de maio, quando Eric estava trabalhando, Mirsada resolveu ir ao centro sozinha pa-



*Mirsada lamentou a ausência da família no casamento*

ra assistir à Maratona tradicional de Whiskey Row, em Prescott. Várias pessoas se aproximaram para falar com ela, reconhecendo-a de um artigo no jornal.

Mirsada foi apresentada a uma moça simpática chamada Julie Williams, a treinadora de corrida feminina da Faculdade Yavapai, ali perto. Depois de conversarem, Julie soube que Mirsada tinha participado das Olimpíadas de 1992. Na segunda-feira, elas falaram sobre a possibilidade de Mirsada correr competitivamente por Yavapai, assim como a de conseguir uma bolsa de atle-

tismo. No dia seguinte, começaram a treinar.

Entusiasmados com esse fato, Mirsada e Eric ficaram acordados até tarde para ligar para Majda, em Sarajevo. Dominada pela emoção, Mirsada irrompeu num palavreado inglês, até que Eric, achando graça em seu lapso, lembrou-lhe que falasse em seu idioma. Ela conversou com a irmã, a mãe e o pai. Quando afinal desligou, estava mais em paz do que se sentia há meses. Continuavam sem notícias de Mensud, disse ela a Eric, mas o resto da família estava bem.

Quando Yavapai abriu para o período do outono em setembro, Mirsada, que vinha falando inglês há somente seis meses, matriculou-se para o curso completo. Além disso, tendo treinado assiduamente o verão todo com o auxílio de Julie, participou de sua primeira corrida em Flagstaff, chegando em terceiro lugar. No mês seguinte, nos campeonatos *cross-country* nacionais para as faculdades junior, ela terminou em primeiro lugar no Arizona e quarto nos Estados Unidos. A essa altura, já se tornara a principal corredora da equipe *cross-country* da faculdade.

Mirsada se esforçava ao máximo. Treinava todos os dias, mantinha uma média de 3,5 pontos de nível e trabalhava com Eric no auxílio aos bósnios.

Ele passava seus momentos de folga intercedendo junto ao governo e funcionários da ONU, lutando para vencer a burocracia. Juntando todas as informações que conseguia, Eric instalou um banco de dados de computador destinado a ajudar os órgãos

de socorro a reunir os refugiados prisioneiros de guerra a suas famílias. O primeiro nome em sua lista era Mensud Buric. Quando as Nações Unidas manifestaram interesse, ele entregou tudo o que tinha conseguido. A conta telefônica de Eric subiu para 800 dólares por mês.

– Não consigo largar esse negócio – dizia ele. – Ou então isso não consegue me largar.

Mas todos os seus esforços de levar uma criança sequer para os Estados Unidos foram em vão. Os funcionários dos governos de ambos os lados do Atlântico ofereciam poucas esperanças. Eric e Mirsada se sentiam frustrados, inúteis.

No entanto, em meio a esse desalento, os dois descobriram que formavam uma equipe, um casal. Tinham aprendido a contar um com o outro. Se ele lhe inspirava confiança, ela lhe dava coragem. Uma noite, bem tarde, Mirsada olhava para Eric, que precisava estar no trabalho no dia seguinte, às sete horas. No entanto, estava preparando mais um fax para ser despachado logo de manhã cedo. Ela pensou que jamais conhecera alguém com tamanho propósito e tanto altruísmo. Tocou na mão dele, num gesto de encorajamento e gratidão.

Numa tarde de outono, Mirsada e Eric estavam andando pela praça da Prefeitura de Prescott quando ela se virou para ele.

– Um dia você disse que me amava – lembrou-lhe. – Mas nunca mais.

– Você nunca disse que me amava.

– Nunca é tarde – brincou ela.

Eles pararam de andar e ficaram

ali, se olhando. Depois sorriram e se beijaram.

Naquela tarde, ligaram para os pais de Eric e comunicaram o noivado. Marcaram o casamento para o dia 31 de dezembro. Mirsada ficou muito triste, porque nenhum membro de sua família poderia estar presente, mas todos choraram de alegria quando ela lhes telefonou dando a notícia.

A cerimônia civil simples foi realizada no jardim ensolarado da casa dos tios de Eric, em Phoenix. Os noivos não conseguiam tirar os olhos um do outro.

Mas o casamento não foi inteiramente particular. Um artigo no *Los Angeles Times* contou que Mirsada Buric, a garota que escapava das balas ao treinar para as Olimpíadas, e Eric Adam, o camarada que se apaixonou por sua foto na televisão, iam se casar.

Conseqüentemente, a CBS filmou o casamento. Algum tempo depois, todos os Buric puderam assistir ao programa na fita.

“Está vendo”, disse Majda a Mirsada, mais tarde, “afinal, comparecemos ao seu casamento.”

Mirsada pensava no irmão. Uma parte de seu ser nunca perdera a esperança de que ele um dia voltaria, mas sabia que cada vez as chances eram menores. Se ele estivesse morto, ela esperava que pelo menos tivesse tido um enterro decente.

Depois da cerimônia do casamento, a imprensa os cercou. Mas nem Mirsada nem Eric quiseram tornar seu casamento algo de trivial, permitindo que fizessem dele um conto de fadas com final feliz. Mirsada custou a

encontrar as palavras. Então, com os olhos cheios de lágrimas, disse:

– Estou feliz neste dia, claro, mas o sofrimento de minha família e de meu povo não consegue deixar meu coração.

Eric concordou com um gesto e passou o braço em volta dela.

– Este não é um final “felizes para sempre” – observou ele. – Isso só acontecerá quando a guerra terminar e pudermos comemorar este casamento com a família de Mirsada.

## Sucesso

O MELHOR PRESENTE de casamento veio depois, quando souberam que o trabalho árduo de ambos havia começado a dar dividendos. Eric ouvira falar de um grupo intergovernamental chamado Organização Internacional para a Migração. Um dos muitos programas desta instituição era levar pessoas feridas ou gravemente enfermas da ex-Iugoslávia aos médicos e hospitais nos Estados Unidos que estivessem qualificados para tratar de seus males específicos. Ele soube que a Organização poderia ajudá-lo a conseguir vistos e a fornecer as passagens aéreas. Precisavam apenas de voluntários para alistar médicos que não cobrassem honorários e hospitais, além de famílias dispostas a aceitar crianças gratuitamente.

Seu primeiro caso foi em dezembro de 1993. A história de Jasmin Bajric, de 11 anos, comoveu seus corações. Quatro meses antes, numa bela manhã de verão, estava a caminho de sua escola

em Sarajevo quando um morteiro explodiu tão perto dele que o abalo lhe rompeu os tímpanos. Disseram à mãe de Jasmin que, sem uma cirurgia especial, ele ficaria parcialmente surdo o resto da vida.

O pai fora lutar no Exército e a mãe, sozinha, suplicou o auxílio das Nações Unidas. Ela, o garoto e sua irmã de 12 anos, Jasminka, receberam a condição de refugiados nos Estados Unidos.

Eric entrou em contato com um otorrinolaringologista em Flagstaff, que concordou em fazer a cirurgia sem cobrar pelo serviço. Depois, Eric se comunicou com o Centro Médico de Flagstaff. Feito isso, contou a história à imprensa local, e dentro de três dias recebeu ofertas de meia dúzia de possíveis famílias que aceitariam os refugiados como hóspedes.

No dia 18 de fevereiro, ele e Mirsada estavam no Aeroporto Internacional de Sky Harbor, em Phoenix, quando Jasmin, a mãe e a irmã chegaram ao terminal. Por meio de operações diversas em cada ouvido, no Centro Médico de Flagstaff, os médicos enxertaram pequenos pedaços de tecido sobre os tímpanos rompidos. Quando a última das ataduras foi retirada e o novo tecido sarou, Jasmin conseguia ouvir tão bem quanto antes.

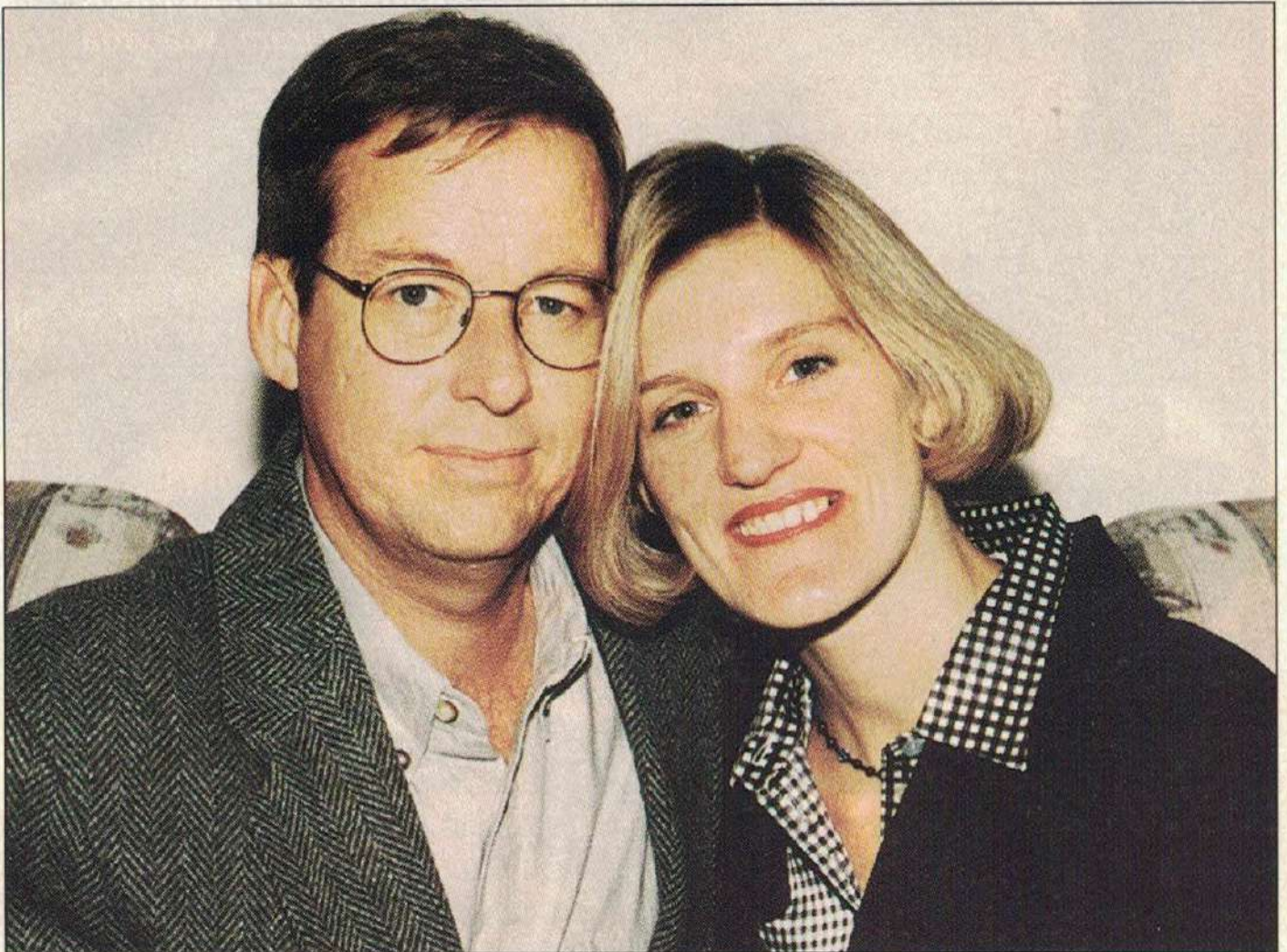
O trabalho de Eric continuou, bem como a carreira de Mirsada como corredora. Em janeiro, ela foi transferida para o Adams State College, no Colorado. Ela se tornou uma figura nacional no circuito das corridas. Em Indianápolis, em princípios de 1995, bateu dois recordes de pista NCAA para as faculdades da Divisão II num só dia.



Dois meses depois, em Los Angeles, obteve a segunda colocação geral. Qualificou-se para um Campeonato Mundial de pista-e-campo em Göteborg, na Suécia, em agosto daquele ano.

morrido em sua própria casa, degolado por um estilhaço de granada.

Ainda em choque, Mirsada foi de avião à Suécia uma semana depois, para sua corrida. Enquanto esteve lá, percebeu que a guerra na Bósnia-



*O casal feliz hoje: Eric tirou esta foto para enviar à família de Mirsada na Bósnia-Herzegovina*

Uma tarde, ela chegou em casa depois do treino, a tempo do noticiário de Sarajevo na televisão. Viu alguns homens carregando um garoto sangrando pela rua. Correndo ao lado dele estava uma garota, chorando incontrolavelmente. O coração de Mirsada gelou quando ela viu que a menina era uma de suas primas e o garoto o irmão dela, de 13 anos. Ele estava morto, dizia a voz do noticiário, tinha

Herzegovina nunca a deixaria em paz.

EM SETEMBRO Mirsada foi transferida para a Universidade Estadual do Arizona, escola da Divisão I. Mas não podia fazer parte da equipe de *cross-country*. A essa altura ela já correria competitivamente durante cinco anos, e assim perdera sua elegibilidade.

Mirsada resolveu que agora deveria se concentrar, realmente, não na

*A antiga corredora  
presta a última  
homenagem aos jogos  
que mudaram sua vida*



velocidade em que podia correr 3 mil metros, e sim em como contribuir ao máximo para o seu compromisso com a Bósnia-Herzegovina – suas crianças, seu povo, sua própria família.

Compreendeu, afinal, que seu sonho de competir nas Olimpíadas de 1966 se fora. Porém, estava em paz.

Depois, Mirsada recomeçou a correr. Quatro anos após treinar pela cidade de Sarajevo, evitando as balas, ela estava correndo pelas ruas de outra cidade, Phoenix. Dessa vez não ouvia os tiros, e sim os vivas da multidão. Aqui e ali as pessoas se adiantavam do meio do povo para tirar-lhe uma foto.

Mirsada fora escolhida pelo Comitê dos Jogos Olímpicos de Atlanta para carregar a tocha através de Phoenix, em sua longa trajetória de revezamento até Atlanta, para a abertura dos Jogos de Verão. Ela não podia deixar de pensar em quantos de seus sonhos tinham se realizado: estava casada com um homem que amava; conquistara um diploma universitário; tinha começado a ajudar seus conterrâneos; e agora, até mesmo um pouquinho de seu sonho olímpico estava sendo realizado, ao carregar aquela tocha.

E assim, no meio dos vivas do po-

vo, ela corria, levantando a tocha – e sua cabeça – bem alto.

*A irmã de Mirsada, Majda, e seus dois filhos, depois disso emigraram para o Arizona, graças aos intensos esforços e cartas de Eric e Mirsada.*

*Em novembro de 1995, na Base da Força Aérea de Wright-Patterson perto de Dayton, Ohio, os presidentes da Bósnia-Herzegovina, Croácia e Sérvia assinaram um acordo de paz que colocava um fim em mais de 43 meses de guerra nos Balcãs.*

*No dia seguinte, Eric e Mirsada voaram para Sarajevo. Lá, visitaram o apartamento dos pais de Mirsada, que tinha vista para o Beco das Tocaías. Mirsada abraçou os pais e chorou com eles. Durante duas semanas, Eric e Mirsada ficaram lá, cumprimentando a família e os amigos que haviam sobrevivido. Em lugar de destaque no apartamento estava uma foto do irmão, Mensud. (O corpo dele foi encontrado em outubro de 1996, numa fossa comum em Bojnik.)*

*Quase no final da visita, foram ver o avô de Mirsada, de 91 anos. Alguém lhe perguntou se ele odiava os Sérvios. “Não odeio ninguém”, respondeu ele, sem hesitar. “O que o ódio traz senão a guerra e mais ódio?”*



UM HOMEM entrou num bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. O funcionário do bar disse:

- Isso não lhe faz bem, sabe.
- Eu sei – respondeu o homem – especialmente com o que eu tenho.
- O que é que o senhor tem? – perguntou o garçom.
- Só um real.

Andy Rooney, Tribune Media Services